

REMINISCÊNCIAS COLONIAIS E SENTIDOS MADIÁTICOS: A IDENTIDADE BRASILEIRA EM PORTUGAL

COLONIES MEMORIES AND TEXTS OF MEDIA: THE BRAZILIAN IDENTITY IN PORTUGAL

Mg. Wellington Teixeira Lisboa
Universidade de Coimbra
wtlisboa@yahoo.com.br
Coimbra, Brasil

Resumen

En este artículo se analizan las representaciones de Brasil en el actual imaginario portugués, identificando el papel de los medios de comunicación portugués en los procesos de construcción y legitimación de una identidad brasileña. Las relaciones entre Historia, Cultura y Medios de Comunicación son el tema central que vamos a explorar en este artículo.

Palabras claves: Historia, cultura, medios de comunicación, identidad, imaginarios.

Abstract

In this article we analyze the representations of Brasil in actual portuguese imaginary, identifying the role of the portuguese media in the processes of construction and legitimization of a brazilian identity in Portugal. The relations between History, Culture and Media are the central theme that we will explore in this article.

Key words: History, culture, mass media, identity.

(Recibido el 26/09/08)

(Aceptado el 25/10/08)

Trânsitos imaginários

A globalização econômica, tecnológica e cultural vem dinamizando os processos de construção e partilha de conhecimentos entre os sujeitos sociais. O conjunto de imagens, pessoas, capitais, bens de consumo, sobretudo bens simbólicos, que se desloca veloz e continuamente no cenário global contemporâneo parece, com efeito, incidir no reordenamento das lógicas primordiais que estruturam as representações sociais de temas diversificados, e que atuam na conformação de identidades pessoais e coletivas.

Na acepção de Appadurai (2004), uma das consequências sobressalientes dos fluxos culturais emergentes na historicidade moderna refere-se às alterações da produção psicossocial de saberes transitáveis nos cotidianos. Explica este autor que as recentes inovações tecnológicas e os atuais movimentos migratórios transnacionais vieram introduzir outros recursos e novas disciplinas às configurações imaginárias e estruturas de sentimentos que subsidiam a viabilidade de conhecimentos sociais. A mídia eletrônica, por exemplo, pelas suas potencialidades comunicativas em espaços e tempos aleatórios e incertos, redimensiona as práticas de reflexão, debate e apropriação dos discursos que transitam nas esferas públicas, assim como conferem distintos matizes a representações imaginadas do Nós e do Outro. Paralelamente aos meios de comunicação tradicionais, mormente à mídia televisiva, as formas digitais e instantâneas de midiatização e mediação também vêm se sobrepondo no âmbito do doméstico e familiar, influenciando na (re)construção de sentidos coletivos e imaginários identitários.

Assim, e como demonstra Appadurai (*idem*), os textos, imagens, modelos e narrativas que, nas últimas décadas, vêm sendo propagados pelas indústrias culturais globais e pelas tradicionais e novas mídias constituem elementos substanciais na redefinição simbólica de saberes difusos nos cotidianos, sobretudo nos cotidianos urbanos. Por sua vez, a massificação dos atuais movimentos migratórios, inscrita nas dinâmicas de compressão espaço-temporal do mundo contemporâneo, vem provocando, ainda segundo este autor, a crescente instabilidade das subjetividades e identidades modernas, bem como a emergência de contatos interculturais voluntários ou não.

O que se procede a partir dos fluxos migratórios, deste modo, simetriza-se ao que se desencadeia com a midiatização, isto é, são os eus e mundos imaginados que são interpelados e reconfigurados, ainda que tais processos mais não sirvam do que para legitimar os significados de tudo quanto se imagina. Os cotidianos que se estruturam no contexto da modernidade global tendem, nesse sentido, a envolver-se numa incontornável articulação entre, por um lado, as representações historicamente edificadas e enaltecidas e, por outro, os enredos de cenários e vidas possíveis, de paisagens imaginadas que se redesenham a partir do trânsito de narrativas midiáticas e de sujeitos desterritorializados na nova cartografia do mundo (Appadurai, *idem*).

Nessa perspectiva, os discursos da mídia portuguesa sobre as supostas referências do Brasil, a circulação maciça de produtos das indústrias culturais brasileiras no cotidiano coletivo português e o fluxo ininterrupto de imigrantes brasileiros em Portugal parecem, com efeito, intervir na atual percepção portuguesa sobre o Brasil e seus nacionais. O desenvolvimento dos meios de comunicação e das indústrias culturais, de fato, veio dinamizar a produção de conhecimentos sobre o Brasil em Portugal, desde meados do século XX. Como contextualiza Cunha (2003), na década de cinquenta deste último século iniciaram-se as permutas culturais de massa entre os dois países, recaindo sobre a esfera das novas expressões musicais, da *revista à portuguesa*, do teatro e do humor. Nos anos sessenta, não obstante essas formas culturais, Portugal importou da Editora Abril Cultural e de outras editoras brasileiras revistas sobre temas variados, além de banda desenhada e traduções de obras clássicas. A Música Popular Brasileira (MPB) teve, a partir daquele momento, um notório impacto em Portugal, inclusive porque esse gênero musical passou a ocupar grande parte da programação radiofônica daquele país, obrigada, àquela época, a emitir em língua portuguesa.

Como ainda demonstra Cunha (*idem*), nos finais dos anos sessenta e início dos setenta, a única estação televisiva, de natureza pública, apresentava, periodicamente, *shows* musicais e programas humorísticos brasileiros. Na década de 70, mesmo com o deflagrar da

Revolução portuguesa de 1974, centenas de brasileiros procuraram o “país-irmão” para se exilar do regime militar vigente no Brasil e integraram os quadros de jornais, de editoras, os grupos de teatro e produtoras de música em Portugal. Três anos após o fim do regime ditatorial português, *Gabriela*, assinalando o prenúncio da massificação das audiências televisivas em Portugal, inaugurou a contínua exibição das telenovelas brasileiras na televisão generalista portuguesa¹, sendo que esse gênero ficcional parece ter se instalado como fonte de mediação de referências lusófonas.

Novos contornos, ainda, são acrescidos ao panorama midiático português quando, no dealbar dos anos 90, os operadores particulares de televisão iniciaram suas atividades, consagrando as telenovelas brasileiras como instrumento principal das guerras de audiência entre os canais públicos e privados (Cunha, *op. cit.*). Desde então, variadas músicas, personalidades e artistas brasileiros, bem como publicidades protagonizadas por referências do Brasil e todo um conjunto de produtos culturais alusivos a este país, vêm se intensificando seja nos meios de comunicação massiva em Portugal, seja no cotidiano coletivo português, numa dinâmica que, efetivamente, tende a incitar o reposicionamento do Brasil no imaginário português contemporâneo.

Atentando-nos a esse quadro contextual, e nomeadamente às interdependências que se manifestam em suas dimensões global e local, confrontamo-nos com alguns questionamentos preponderantes para o desenvolvimento do estudo que ora apresentamos. Indagamo-nos, à partida, sobre as diversas representações do Brasil que transitam no imaginário português contemporâneo, considerando, relativamente a este propósito, que a produção e a transmissão midiática portuguesa, e seus fluxos de imagens, enredos e ideias ficcionadas ou não, têm conferido um protagonismo temático relevante ao Brasil e aos brasileiros, desde décadas passadas (Cunha, *op. cit.*; Machado, 2003; Cunha & Santos, 2004, 2006). Não se afigura improcedente que, atrelada a esta reflexão primeira, se sobreponha o questionamento alusivo às possíveis intersecções, no atual imaginário português, entre as representações do Brasil que comportam narrativas midiáticas e certos conhecimentos, inclusive os estereotipados, oriundos de tempos longínquos, centenários, difusos num imaginário histórico-colonial.

Assim, em âmbito geral, que representações do Brasil circulam no imaginário português contemporâneo? A mídia portuguesa – bem como as indústrias culturais brasileiras que atuam em Portugal – intervem nos processos de constituição e validação cotidiana desses conhecimentos imaginários? Como perspectivarmos as influências da mídia na construção das atuais representações do Brasil em Portugal considerando, para esse efeito, que a História e a identidade cultural portuguesa, e seus enredos de significações que matizam memórias e imaginários coletivos, tendem a ordenar essa dinâmica psicossocial?

História, cultura e mídia: imagens cartografadas

As reflexões de Cunha (2002) sobre as possíveis articulações entre as formulações descritivas da Terra de Vera Cruz, expressas por Pêro Vaz de Caminha na carta do “achamento” daquela *terra nova*, e as representações do Brasil e dos brasileiros no imaginário português contemporâneo afiguram-se valiosas para pontuarmos as estruturas de um imaginário colonial ainda resplandecente entre os portugueses. Na acepção desta autora, essas inter-relações discursivas partem de um modo de compreender as significações imaginárias como textos que extravasam os limites do funcional na determinação do simbólico. Ou seja, a leitura das diversas representações do Brasil atualmente partilhadas em Portugal, e vivificadas em circunstâncias histórico-ideológicas específicas, requer perspectivar o imaginário

¹ Segundo Cunha (*idem*), um conjunto de produtos culturais acompanhou o lançamento do primeiro capítulo da telenovela *Gabriela*, em 16 de Maio de 1977, na única estação televisiva à época, a RTP (Rádio e Televisão de Portugal). As rádios e a televisão mantinham programas regulares de divulgação da MPB, e os romances de Jorge Amado eram os mais vendidos na feira do livro em Lisboa e nas livrarias do país, conseguindo, inclusive, que uma obra de ficção, pela primeira vez após o 25 de Abril, superasse as vendagens de livros políticos em Portugal, mesmo num momento de fervor do panorama político nacional. Interessante também registrarmos que, até 2008, cerca de 230 telenovelas brasileiras foram transmitidas em Portugal, sendo a maioria exibida no horário nobre e re-exibida em diferentes estações e horários, obtendo elevados índices de audiência (Costa, 2003; Cunha, 2005).

social não como um indeterminado, *mas como um determinante, um motor na produção de sentidos, valores e significações, um conjunto de traços – incisões ou inscrições indelévels em uma superfície – que têm longa duração* (Cunha, idem: s/p.).

Nesse sentido, muitas das percepções que compunham o “olhar” quinhentista e colonial português, significativamente exteriorizado e documentado por Caminha, ainda parecem subsistir no universo simbólico que estrutura as representações do Brasil em Portugal, não raramente consubstanciadas na relação dicotômica Nós (civilizados) / Outros (exóticos, selvagens). A ênfase nas dimensões territoriais, isto é, na surpreendente “grandeza da terra”, e nas características (exóticas) vegetais e animais do Brasil, outrora designado Terra de Vera Cruz, desvela, por exemplo, a componente mítica que atualmente modela as representações do Brasil no imaginário português, tanto entre os adultos quanto entre os jovens daquela ex-metrópole imperial².

O Brasil é um país muito grande, com terras a perder de vista. Tem imensas florestas, onde há frutas diferentes, como goiaba, cacau, e animais que só há por aqueles lados, como papagaio, onça e cobras de todas as espécies. No Brasil, há os rios profundos também, como o Amazonas, onde há até peixe que come carne humana. As piranhas, pois não? Pronto, o Brasil tem muitas paisagens bonitas e é um bom sítio para férias (Adulto, Homem, Coimbra).

Imagino o Brasil como um país muito grande, imenso, não sei quantas vezes maior que Portugal. Mas é mesmo muito grande! Deve haver muito verde, muitas praias. Há cachoeiras, coqueiros e paisagens giras! Gostava de lá ir (Jovem, Mulher, Lisboa).

Deste modo, verificamos que, em suas narrativas mnemônicas, os respondentes selecionam, particularmente, os enredos que caracterizam o Brasil como um país territorialmente grande, tropical e exótico, com ‘*terras a perder de vista*’ e singularidades de existência rara³. Essa *essencialização* das composições paisagísticas brasileiras, tal aquelas retratadas quando da chegada dos “descobridores” naquele ‘*grande monte, mui alto e redondo*’ e naquela ‘*terra chã com grandes arvoredos*’, vincula-se a uma formação discursiva que vai ao encontro das perspectivas históricas assentes num arraigado imaginário quinhentista, colonial.

No entanto, e muito embora sua conotação evidencie-se sobretudo nesse sentido, a “grandeza” imaginada transcende uma dimensão exclusivamente territorial, geográfica, e passa a simbolizar a “grandeza” de riquezas, de séculos de fartura, sonhos e fortuna, e a *grandeza do destino, fundada na grandeza pretérita do império, grandeza essa que nostálgica e imaginariamente reúne Portugal e Brasil* (Cunha, 2002: s/p.).

*O Brasil é um grande país que Portugal criou, que ajudou a nascer. Foi a colônia que mais nos deu alegria. Assim como nós descobrimos o Brasil e levamos para lá as leis divinas, a língua, o Brasil deu-nos riquezas, e muitos portugueses foram para lá viver. O Brasil é Portugal também (...) é nosso filho*⁴ (Adulto, Mulher, Coimbra).

² A pesquisa empírica que desenvolvemos no âmbito desta investigação focou dois grupos distintos: jovens portugueses matriculados no ensino superior, com idades entre 18 e 25 anos, e adultos portugueses que frequentaram até o ensino primário, com idades entre 40 e 55 anos. Essas peculiaridades compõem o perfil das respectivas faixas etárias da população portuguesa. Assim, partimos do pressuposto que as diferenças contextuais que integram a trajetória de vida e o “olhar coletivo” dos adultos e jovens portugueses tendem a influir nos modos como o imaginário português contemporâneo (re)produz as representações do Brasil e dos brasileiros. Esta pesquisa empírica transcorreu nas cidades de Coimbra e Lisboa, no período compreendido entre os meses de Janeiro e Maio de 2006.

³ Caminha, no século XVI, definia a Terra de Vera Cruz como sendo boa, de bons ares, de infindas águas, com frondosos e exuberantes arvoredos e animais de beleza rara (Cortesão, 2000).

⁴ Grifo nosso no intuito de questionarmos a retórica da *irmandade luso-brasileira*, tão disseminada nos discursos oficiais e midiáticos, nas manifestações culturais cotidianas e pelos entusiastas da atual lusofonia. Como ‘*filho*’ de Portugal, e não ‘*irmão*’, deparamo-nos com uma ancestralidade de Portugal em relação ao Brasil, desvelando uma gama simbólica de valores e crenças comprometedores aos relacionamentos bilaterais. O sentimento de superioridade do ex-colonizador ante o ex-colonizado, deveras partilhado entre a atual sociedade portuguesa, exemplifica essas implicações.

A colonização portuguesa foi justa no Brasil. Levamos os costumes europeus, de civilização, ajudamos o Brasil a crescer e a se desenvolver. Em troca, muitos portugueses emigraram para lá, e lá enriqueceram. Vocês também nos deram riquezas, que há muitas por lá, como o ouro, riquezas que ajudaram Portugal a manter-se como Império (Jovem, Homem, Lisboa).

É, pois, a contumaz identidade imperial portuguesa que, ao Brasil, delega uma posição de destaque na sobrevalorização das narrativas das “grandes conquistas”, dos “feitos heróicos” portugueses, em especial se também considerarmos que a “grande terra descoberta”, posteriormente, tornar-se-ia o auspicioso paraíso dourado, que tanto instigou centenas de milhares de portugueses para o êxodo transatlântico, até o século XX. De fato, subjacentes à retórica da “grandeza” de riquezas e destinos fundem-se enredos de tempos longínquos, centenários, que reverberam antigas histórias, desejos e trajetórias de viajantes e colonizadores, de *brasileiros* e *abrasileirados*, de *engajados* e *engajadores*, de portugueses e portuguesas, enfim, que adotaram o Brasil como o *locus* ideal onde se materializariam seus sonhos de Eldorado⁵. Foi, inclusive, a partir do enaltecimento das inúmeras “grandezas” do Brasil que, em meados do século XX, o governo salazarista justificou a tardia presença colonialista de Portugal em África⁶.

Correlacionadas a essas representações históricas do Brasil, a ênfase na sensualidade, na alegria e na cordialidade típicas dos brasileiros também parece preponderar na constituição da identidade brasileira em Portugal. Essas estereotípias identitárias – reproduzidas, aliás, pelo próprio Estado-nação brasileiro nos seus discursos, nacionais e internacionais, de legitimação de uma suposta *brasilidade* e de posicionamento turístico deste país no mundo – também compõem o substrato principal do universo de referências atribuídas ao Brasil em Portugal, tanto entre os adultos quanto entre os jovens universitários portugueses.

A alegria e o gosto pelo sexo são as características que representam os brasileiros. Estão sempre a fazer festa, a dançar aquelas músicas que mexem todo o corpo. E as brasileiras, então, são as mais quentes do mundo! Deixam qualquer homem português (...) qualquer homem perturbado (Adulto, Homem, Lisboa).

O Brasil é um país alegre. Os brasileiros estão sempre a rir, a dançar, a falar alto. Não vê as músicas brasileiras, que põem todos a dançar? A Ivete Sangalo e a Daniela Mercury são exemplo do que é ser brasileiro. São alegres, simpáticas, bonitas. Os portugueses são mais fechados, mais europeus, embora sejam um povo hospitaleiro. Se calhar, somos mais sérios, mais racionais, e os brasileiros, mais festivos, mais emotivos, por assim dizer (Jovem, Mulher, Coimbra).

Similarmente às predicações dos nativos da antiga Terra de Vera Cruz, descritas entusiasticamente pelo “olhar” europeu e quincentista de Caminha, a alegria, a sensualidade e o ‘gosto pelo sexo’ são, portanto, atributos que emergem no imaginário português contemporâneo, quando o Brasil e os brasileiros constituem o tema representado. Nomeadamente as mulheres brasileiras – que deixam ‘qualquer homem português (...) qualquer homem perturbado’ – figuram como a mais evidente personificação dessa *essencialização* erotizada da identidade brasileira em Portugal, encontrando nos ritmos, cantores e danças do *axé*, por exemplo, elementos simbólicos para a cristalização dessa identidade enviesada.

⁵ Reportamo-nos, em especial, aos *brasileiros de torna-viagem*, figuras de destaque na composição histórica de uma identidade brasileira em Portugal. Os *brasileiros de torna-viagem*, ou simplesmente *brasileiros*, eram emigrantes portugueses que, com maior expressão nos fins do século XIX e começo do XX, rumaram ao Brasil, atraídos pelo desejo de enriquecerem na nova nação independente. Muitos desses emigrantes, ao retornarem a Portugal, passaram a ser ridicularizados pela população e pelo governo desse país, que os acusava de adotarem hábitos e traços impróprios, “tropicalizados”, adquiridos no Brasil (Alves, 2000; Machado, *op. cit.*).

⁶ Após a Segunda Guerra Mundial, com as pressões internacionais para a descolonização, o Brasil ressurgiu no discurso oficial português como modelo ideal da bem-aventurada colonização portuguesa, dadas as potencialidades geográficas, culturais, econômicas deste país latino-americano. O Brasil simbolizaria, deste modo, o êxito da tardia empreitada colonialista portuguesa, ainda resistente em territórios africanos.

Nessa perspectiva, tais formações discursivas tendem a enclausurar as mulheres brasileiras em imagens, há séculos, bastante conhecidas no senso comum português, e difundidas quer na literatura de viagens, quer na literatura oitocentista daquele país: imagens da nativa sensual e dócil ou da mulata depravada que corrompe a vida do homem português. Essas *'destruidoras de lares'*, como foram designadas pelas portuguesas envolvidas no manifesto *Mães de Bragança'*, desvelam, pois, o teor sexualizado e femininizado que molda o núcleo central das representações do Brasil no imaginário português contemporâneo.

Evidentemente, subjacentes a esses discursos provenientes de uma memória histórica que se evidencia prene de fantasmas e fantasias imperiais (Ribeiro, 2003), defrontamo-nos com o velho binômio que delimita as zonas fronteiriças de contato entre os supostos centros e periferias, entre antigas metrópoles imperiais e suas possessões coloniais, entre Ocidente e Oriente (Santos, 2006), Próspero e Caliban (Santos, 2001, 2006): cultura/natureza, racionalidade/instinto, civilização/barbárie. Assim, e como demonstra Cunha (2002), enquanto a Europa mantém-se no campo semântico relativo ao cartesiano, ao cerebral, ao intelectualizado e civilizado, ao Brasil, inversamente, são imputadas noções concernentes ao universo simbólico da selvageria e da "perdição humana". Deste modo, no pensar coletivo português, os brasileiros caracterizam-se como sujeitos naturalmente pulsionais e desviantes, ou melhor, instintivos, emotivos, musicais, libertinos⁸.

Nesse sentido, tanto entre os adultos quanto entre os jovens portugueses, as representações do Brasil e de seus nacionais consubstanciam múltiplas estereotípias identitárias, ligadas a uma componente predominantemente exótica. Logo, atribui-se ao Brasil a exclusiva identidade de país tropical, subdesenvolvido e selvagem, situando-o, portanto, numa paisagem imaginada distinta e distante da suposta Europa civilizada. Nesta zona de contato inscrita em contextos de configurações pós-coloniais, minadas, porém, por desejos, medos e fobias coloniais, Portugal, como bem observou Cunha (2002), imagina-se num espaço *entre*, num *entre-lugar*, posicionando-se como um país europeu, moderno e *'racional'*, como referido no depoimento supracitado, mas hospitaleiro e afável, similar aos países dos Trópicos.

Importa-nos também aludir que, nomeadamente na concepção dos adultos portugueses, são exatamente essas representações atreladas à barbárie, à permissividade e a uma suposta ausência de regras nas dinâmicas de sociabilidade que sustentam *'uma das mais marcantes características do Brasil'*⁹: a criminalidade.

O Brasil é bonito, mas perigoso. Vocês lá matam as pessoas como matam animais. Todos os dias há notícias de que morreram não sei quantos. Desculpe lá, mas parece que vocês têm, no sangue, a tradição de vingança, a tradição de matar. Em qualquer coisa, até no futebol, aproveitam para se vingar com crimes. Por isso que evito muito contato com esses brasileiros daqui de Lisboa. Não, não! Não dá para confiar (Adulto, Homem, Lisboa).

Até gosto do Brasil. Gosto das praias, do Carnaval, da alegria, das telenovelas. Mas a violência é demais, assusta-nos. Aquilo lá já não tem limites. É muito crime! Imagino que as pessoas não podem andar sossegadas na rua, pois os ladrões, os bandidos (...) esses tipos atacam a toda hora. Os brasileiros são mesmo muito violentos, se bem que até há raças piores, como os ciganos, os pretos e esses do Leste (Adulto, Mulher, Coimbra).

⁷ O movimento *Mães de Bragança* surgiu em Maio de 2003, na cidade de Bragança, situada na região Norte de Portugal, quando quatro portuguesas, alegando que os respectivos maridos trocaram-nas por *'meninas brasileiras'*, fizeram circular um abaixo-assinado na referida cidade, objetivando acabar com a *'invasão'* de brasileiras, supostamente dedicadas à prostituição. Como demonstra Vitorio, *as criadoras do auto-denominado movimento "Mães de Bragança" despertaram a atenção no país sobre a prostituição de imigrantes, alimentando as pautas da mídia e incentivando a ação policial e do SEF* (Vitorio, 2005: 68).

⁸ É nessa perspectiva que um português, com idade entre cinquenta e sessenta anos, afirmou-nos que o Brasil *'não dá certo'* porque os brasileiros, na sua concepção, só pensam em deitar-se ao sol, dançar e sambar. Ninguém vê, segundo este português, um brasileiro a ler um livro, como fazem os europeus. Em conversa informal, esse interlocutor português conclui que o Brasil, assim como a África, não sabe aprender com os portugueses e com os demais países da Europa, que são civilizados, evoluídos.

⁹ Expressão declarada por um dos respondentes desta pesquisa.

Em contrapartida, os jovens universitários portugueses, conquanto também vinculem o Brasil a uma noção de criminalidade desmedida e cotidiana, não relacionam essa problemática a uma possível *'tradição de vingança'*, imposta no sangue dos brasileiros, ou às características peculiares de uma *'raça brasileira'*, como explanado pelos adultos respondentes. Fundamentando-se especialmente em informações divulgadas pelos dispositivos midiáticos locais, os jovens, na sua maioria, contextualizam a violência e a criminalidade como desdobramento de problemas estruturais que assolam o Brasil, como a pobreza e as desigualdades de distribuição de renda, por exemplo¹⁰.

Gostava de ir ao Brasil, mas tenho medo. Parece que o país vive numa guerra civil! Sempre vejo notícias sobre confronto entre polícias e traficantes, sobre tiros perdidos e sobre roubos a turistas e aos próprios brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro. Dizem até que, na porta dos hotéis, há crianças a pedir dinheiro. É uma pena que haja tanta pobreza no Brasil, e as pessoas tenham de recorrer a esse tipo de vida (Jovem, Mulher, Lisboa).

A criminalidade no Brasil é comparada à situação do Iraque. Todos os dias são enterrados milhares de iraquianos e brasileiros. Não está certo, o Brasil podia ser menos desigual, ter menos diferença entre ricos e pobres, para que a criminalidade diminuísse (Jovem, Homem, Coimbra).

Essa acentuada percepção portuguesa acerca da violência e da criminalidade no Brasil, imaginado, deste modo, como um fecundo celeiro de criminosos (Machado, *op. cit.*), tende a coadunar-se aos discursos midiáticos portugueses que, não raramente, procedem a uma hiper-exposição de notícias e comentários, de cunho negativo, sobre as questões sociais deste país (Vitorio, *op. cit.*). Evidentemente, essa propagação maciça de determinados tipos de informação sobre o Brasil em Portugal parece acompanhar o excesso de expectativas e representações (Lourenço, 1999) que, há séculos, vêm sendo partilhadas pela sociedade portuguesa a respeito de seu “grande” *ex-libris* colonial. E é justamente neste ponto nodal que podemos inferir que, tanto entre os adultos portugueses quanto entre os jovens universitários daquele país, as representações do Brasil encontram-se eivadas de narrativas de origem histórico-colonial e de suas múltiplas reconfigurações coletivas, impulsionadas, particularmente, pela mídia televisiva local e pelas indústrias culturais brasileiras atuantes em Portugal.

Os portugueses sabem mais do Brasil do que os brasileiros sabem de Portugal. Muitos dos nossos portugueses foram viver no Brasil, e voltaram com histórias de lá. Nós também vemos muitas telenovelas brasileiras e notícias sobre o Brasil. Pronto, o que sei do Brasil é aquilo que me dizem e o que vejo na televisão (Adulto, Mulher, Lisboa).

Penso que os Média mostram tanto o lado bom quanto o mau do Brasil. As telenovelas, por exemplo, mostram o Brasil bonito, alegre, com paisagens e Carnaval; já os noticiários mostram a violência, os crimes, as guerras nos bairros de lata. Assim, temos as duas ideias do Brasil, o que tem de bom e de mau (Jovem, Homem, Coimbra).

Nessa perspectiva, a exibição de produtos midiáticos transnacionalizados, como as telenovelas brasileiras, e de notícias sobre o Brasil nos meios de comunicação portugueses parecem, com efeito, alterar o universo de referências e percepções portuguesas sobre o Brasil e seus nacionais. No entanto, esse processo de reatualização das representações do Brasil em Portugal não denota que o substrato imaginário português venha auferindo uma configuração essencialmente outra, diversa. Os dispositivos midiáticos locais, ainda que venham ampliando

¹⁰ Vale ressaltar que, quando solicitados a descrever uma notícia sobre o Brasil que correspondesse à maneira como imaginam este país, a notícia mais referida pelos adultos e pelos jovens foi sobre a morte de seis homens portugueses na capital do Estado do Ceará, Fortaleza, em 2001. Sequencialmente, este caso também foi o mais mencionado quando pedimos aos respondentes para que citassem uma notícia a respeito do Brasil que julgassem importante para eles. Assim, salienta-se a estreita vinculação, em Portugal, entre a identidade brasileira e o universo simbólico da violência.

o universo de referências sobre o Brasil e seus cidadãos, legitimam antigas representações estereotipadas, visto que a mídia não constitui uma instituição alheia aos contextos sócio-históricos e culturais. Como atestam os Estudos Culturais britânicos e latino-americanos (Hall, 2003; Martín-Barbero e Rey, 2001; Orozco, 2001; Lopes *et. al.*, 2002), a intervenção social das práticas midiáticas deve ser percebida num prisma que evidencie as intrínsecas confluências entre, por um lado, os processos comunicativos e, por outro, as complexidades dos dinamismos culturais, relativizando os primeiros a partir das últimas. Nesse sentido, ao descentralizarmos as análises isoladas sobre os veículos de comunicação e seus conteúdos, isto é, os meios, cartografamos as matrizes culturais e as diferentes mediações, a exemplo dos cotidianos simbólicos e das memórias historicamente alinhavadas, que constituem as culturas massivas e os *meios-tecnologias* (Martín-Barbero, 1997, 2002).

O protagonismo da mídia portuguesa no processo de legitimação de uma identidade brasileira em Portugal justifica-se, pois, se a considerarmos como um conjunto de textos sócio-históricos a partir dos quais as audiências portuguesas revisitam um antigo imaginário colonial e acedem, localmente, a distintas referências brasileiras, posicionando comunidades simbólicas de sentido e partilha. Sendo assim, os ícones midiaticamente reatualizados tendem a intervir de modo muito circunspecto no sentido de reconfigurar as estruturas basilares de um imaginário historicamente edificado. Daí que não seja impropriedade que os portugueses entrevistados nesta pesquisa afirmem que a atual identidade brasileira possa ser representada pelos seguintes vocábulos: *grandeza, praia, sol, natureza, alegria, Carnaval, futebol, pobreza, violência, crime*.

Bibliografia

- ALVES, Luís A. M. 2000. *O brasileiro: ausência e presença no Portugal oitocentista*. In Portugal, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses. *Os brasileiros de torna-viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: CNCDP.
- APPADURAI, Arjun. 2004. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.
- CORTESÃO, Jaime. 2000. *A carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- COSTA, Jorge P. da. 2003. *Telenovela: um modo de produção. O caso português*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- CUNHA, Isabel F. 2005. *Brasileiras em Portugal: Fragmentos de uma realidade ficcionada*. Comunicação apresentada no Congresso Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Rio de Janeiro. Brasil
- CUNHA, Isabel F. & SANTOS, Clara A. (coords.). 2004. *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- CUNHA, Isabel F & SANTOS, Clara A. (coords.). 2006. *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardiã Resende *et. al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- LOPES *et. al.* 2002. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- LOURENÇO, Eduardo. 1999. *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. 1997. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. 2002. *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução de Fidelina González. São Paulo: Edições Loyola.

MARTÍN-BARBERO, Jesus & Rey, Germán. 2001. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: SENAC.

OROZCO, Guillermo. 2001. *Televisión, Audiências y Educación*. Buenos Aires: Norma.

RIBEIRO, Margarida C. & FERREIRA, Ana P. (orgs.). 2003. *Fantasma e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras.

SANTOS, Boaventura de S. 2006. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Volume 4. Porto: Edições Afrontamento.

SANTOS, Boaventura de S. 2001. *Entre Prospero e Caliban*. In Ramalho, Maria I. & Ribeiro, António S. (orgs.) *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Coleção A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização. Porto: Edições Afrontamento.

VITÓRIO, Benalva da S. (2005) *Imigração brasileira em Portugal. A identidade cultural nas margens do dizer*. Pesquisa de Pós-Doutorado integrada à investigação Mídia, Imigração e Minorias Étnicas, Instituto de Estudos Jornalísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Referências eletrônicas

CUNHA, Eneida L. 2002. *O Brasil no imaginário português*. In *Revista Semear*, nº 6. http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/6Sem_11.html (Acesso em Maio de 2006).

CUNHA, Isabel F. 2003. *A revolução de Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*. <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=762> (Acesso em Abril de 2006).

MACHADO, Igor J. de R. 2003. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de doutoramento. Universidade de Campinas. <http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf> (Acedido em Dezembro de 2005).